Ano XV — Lisboa, Março de 1959 — N.º 167

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A NECESSIDADE DE SERVIR

Na interessante revista «Cruz de Malta», da juventude metodista do Brasil, que regularmente nos honra com a sua visita, lemos recentemente um capítulo do livro «O Caminho da Reforma Social», de John Elder, do qual recortamos, com a devida vénia, este inspirador trecho: «(...) Por esta ciência (a Biologia) descobriu-se que a mais importante função de todo o organismo vivo é a de prestar serviço. Foi demonstrado repetidas vezes que, como disse Huxley, *o mais rude golpe que pode sofrer qualquer organismo vivo é a consciência de sua própria inutilidade.* Todos os órgãos que deixam de ser utilizados, atrofiam-se e morrem. Os animais, que vivem em subterrâneos sem utilizar os olhos, perdem a visão. No homem, os dentes de trás vão-se atrofiando e tendem a desaparecer quando ele só come alimentos moles e diminui a mastigação. Os homens que têm pouca vida ao ar livre, sempre dentro de casa ou de escritórios, tendem a perder os cabelos. E assim por diante. Por outro lado o cérebro do homem moderno, que é mais utilizado, torna-se cada vez mais penetrante de geração em geração. Os músculos mais usados desenvolvem-se melhor, ficando mais rijos e mais fortes.

«Sob o ponto de vista da Biologia, servir é a principal finalidade de todo o organismo vivo. (...)»

São dignas de meditação as esclarecidas considerações de John Elder. Verificamos, sem custo, que elas correspondem à realidade, pois todos reconhecemos que a vida exige acção e que todos os organismos vivos foram criados para servir. A grande finalidade da vida humana é o serviço e as nossas aptidões e capacidades atingem a sua mais alta expressão na medida em que se exercitam na actividade, no serviço. O exercício, o treino, a acção constituem a base de todo o êxito. A inércia, a imobilidade, o desinteresse, geram a paralisia, a atrofia dos órgãos e dos sentidos.

O Escotismo foi um Movimento criado exactamente para a acção, para uma vida de serviço. Todos os seus órgãos estão gizados para o movimento. Se a patrulha pára, deixa de agir, em breve estará morta. Se o Grupo paralisa, encerra-se inactivo dentro das quatro paredes da sede, depressa estará atrofiado e fenecerá. Se na Região, se na Associação, deixa de haver um sopro de iniciativa, se dos órgãos mais altos deixa de haver um estímulo para a actividade, uma palavra de ânimo para os fracos, todo o Movimento se atrofiará. E lástima maior será se todos estes factos sucederem simultâneamente, porque, então, os princípios biológicos enunciados fizeram já sentir os seus inexoráveis efeitos e todo o corpo estará tão atrofiado que a morte não virá longe.

Servir é, também, a principal finalidade de todo o Dirigente, a grande responsabilidade de todos aqueles que envergam ou deviam envergar o uniforme escoteiro. Talvez devamos investigar em que medida estaremos cumprindo esse nosso dever e, assim, concluiremos qual é a nossa parte na responsabilidade pela decadência do Movimento. Essa análise, porém, será inútil se depois dela não nos dispusermos a mudar de atitude, enveredando abertamente pela acção, corrigindo atitudes erradas e diligenciando Servir, única razão da nossa presença no Escotismo.

Morreu um Grande Escoteiro!

Seria assim, certamente, que Baden-Powell anunciaria o falecimento de Gago Coutinho. Ele considerava grandes escoteiros o Infante D. Henrique, Vasco da Gama e outros grandes marinheiros e navegadores. Gago Coutinho pertence à mesma linhagem. Não envergou a farda de escoteiro, é certo, mas as mais características virtudes escoteiras ornavam o seu carácter.

Tinha amor acrisolado pelo saber. Foi de contínuo estudo a sua vida. Era sábio, mas era humilde. Generoso e amigo dos humildes. Honrou e serviu a Pátria com dedicação. Não lhe faltava espírito de aventura. Já carregado de anos ainda cruzava o Atlântico em barco à vela para provar a base científica dos descobrimentos marítimos portugueses.

A sua gloriosa viagem aérea através do Atlântico ficou na história da aviação como feito assinalável, que abriu rumos á navegação aérea, em face dos fundamentos científicos que a nortearam. No regresso a Portugal, no triunfal cortejo com que o povo de Lisboa recebeu Gago Coutinho e Sacadura Cabral, lá estiveram os escoteiros a prestar homenagem aos heróis, homenagem que hoje ratificam no momento em que desaparece da vida a figura simpática e mesmo popular do homem de ciência, a quem a glória e a fama não afastaram do convívio do povo da sua Pátria e da Pátria-Irmã, o Brasil.

• • o • •

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE DEZEMBRO

A data comemorativa da Restauração de Portugal foi celebrada com um desfile das organizações da juventude, no qual participaram os Escoteiros de Portugal com cerca de 50 escoteiros representando os grupos n.os 2, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 53, 85, 93 e 94.

O Corpo Nacional de Escutas esteve também, e no mesmo momento, no Monumento dos Restauradores representado por duas patrulhas, que ali depuseram um ramo de flores. O sr. D. Paulo de Lencastre, chefe nacional adjunto, dirigiu uma alocução aos escutas presentes, encontrando-se igualmente presentes dirigentes superiores daquela associação.

OS ANTIGOS ESCOTEIROS NO ALGARVE





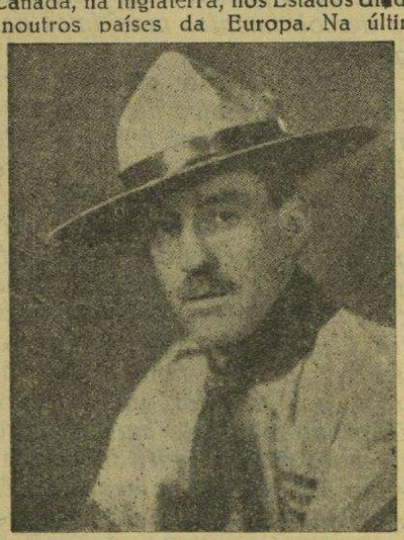
(Gravuras gentilmente cedidas pelo «Jornal do Algarve»)

Os Antigos Escoteiros e os Escoteiros do Algarve prestaram homenagem a João de Deus, colocando um ramo de flores no seu monumento em Faro, acto em que discursou o sr. prof. Aníbal Ramos, que fez o elogio do notável poeta e grande pedagogo.

Os Antigos Escoteiros reuniram-se num almoço de confraternização em Faro, no qual participaram muitos companheiros de todo o Algarve. Ao acto presidiu a primeira senhora que chefiou um grupo de escoteiras em Portugal, a sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Pereira.

A visita do General Daniel C. Spry

A próxima visita do General Daniel C. Spry, Director da Repartição Internacional de Escotismo, é, sem dúvida um grande acontecimento escoteiro. O General Spry é uma figura de excepcional relevo não só nos meios escoteiros mas também na vida social, gozando de merecido prestígio na sua pátria, o Canadá, na Inglaterra, nos Estados Unidos e noutros países da Europa. Na última



guerra competiram-lhe missões de excepcional importância, tendo sido um dos mais populares oficiais canadianos e um dos generais mais novos dos exércitos aliados. Quando deflagrou a guerra era Capitão, foi promovido a major em 1940, a tenente-coronel em 1943 e a Brigadeiro em 1944, atingindo neste mesmo ano, apenas com 31 anos de idade, o posto de major-general. Neste mesmo ano foi nomeado vice-chefe do Comando Geral Canadiano. Comandou a 3.ª Divisão de Infantaria Canadiana em muitas das mais importantes e históricas batalhas travadas na Itália e nordeste da Europa.

A sua carreira escotista é também notável. Tendo nascido em 1913, fez promessa como Lobito na idade própria, numa Alcateia em Calgary. Foi Escoteiro e em Fevereiro de 1928 conquistava o título correspondente à nossa insígnia de «Escoteiro da Pátria», a mais alta categoria dentro do Movimento. Em Setembro de 1928 ascendeu a Caminheiro. Possuía diversas insígnias de aptidão. Visitou-nos em 1950, por ocasião da Conferência de Comissários Internacionais. Desempenhava nessa altura o cargo de Comissário-Chefe Executivo dos Escoteiros do Canadá.

Em princípio de 1952 foi nomeado subdirector da Repartição Internacional de Escotismo, subindo a Director pouco tempo depois. Em Agosto de 1953, por ocasião do «Rover-Moot» realizado na Suíça, entregou ao nosso representante uma mensagem de saudação dedicada aos escoteiros de Portugal, na qual manifestava a esperança de em breve nos visitar, o que só agora pôde realizar, embora saibamos que o projectou já fazer outras vezes.

O General Spry é um carácter tipicamente escoteiro, modesto, afável, com um fino espírito de humor. Chega ao Aeroporto de Lisboa na segunda-feira, dia 16 do corrente, às 22.40 horas, onde será aguardado por dirigentes e escoteiros das duas associações escoteiras portuguesas e membros da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

No dia seguinte, às 12 horas, será oferecido um «Porto de Honra» à Imprensa, Rádio e Televisão, no Hotel Tivoli, e à noite efectuará uma conferência com os membros das direcções da A. E. P. e C. N. E. e no dia 18, às 21.30, na Escola Francisco Arruda, na Calçada da Tapada, haverá uma reunião com dirigentes e escoteiros das duas associações.

Será ainda recebido pelo Ministro da Presidência e pelo Ministro da Educação Nacional, e efectuará visitas a alguns grupos de escoteiros das duas associações.

Também no dia 18, às 13 horas, o Ministro da Educação Nacional oferecerá um almoço ao General Spry no Hotel Avis. À tarde, será recebido pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, partindo de Lisboa, na quinta-feira, dia 19, do Aeroporto às 15.30 horas.

O "Sempre Pronto" no Algarve

Por ocasião da visita ao Algarve da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, o Corpo Directivo do «Sempre Pronto» aproveitou o ensejo para visitar também os grupos daquela Região e cumprimentar os seus correspondentes, que de maneira tão dedicada têm colaborado com o «Sempre Pronto», que a todos pertence.

Em Vila Real de Santo António, na presença do nosso correspondente e escoteiro-chefe do Grupo sr. José Manuel Pereira, fizemos entrega ao Escoteiro José Manuel de Jesus Fernandes, do livro «10 Exploradores Audazes», prémio do Concurso «Ciência e Paciência». O nosso Administrador fez o elogio do premiado, a quem felicitou, tendo-lhe também entregue o diploma de mérito.

Em Faro, deixámos entregue no grupo local o prémio conquistado pelo nosso estimado leitor daquela cidade, sr. José Alberto Figueira Guerreiro.

Visitámos ainda os Grupos 6 de Olhão e de Tavira, tendo conversado com elementos de ambos.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

Visitas — Tivemos o prazer de receber na nossa Redacção a visita do nosso estimado assinante do Funchal sr. Vasco Vitorino Pereira, que, de visita a Lisboa, quis ter a gentileza de nos cumprimentar em 24 de Fevereiro passado. Agradecemos a atenção e desejamos uma boa viagem à formosa ilha da Madeira.

Casamento — Em 15 do mês passado, realizou-se na Igreja Evangélica de Almada o auspicioso enlace matrimonal do nosso estimado assinante e antigo escoteiro sr. António José Leiria Reganha Pereira com a sr.ª D. Maria Alice Garcia Xavier, cerimónia presidida pelo nosso dedicado amigo Pastor sr. José Idílio Freire. Desejamos as maiores felicidades aos noivos.



PRETOS DE ALMA BRANCA

Ao saber que, numa província ultramarina de África, uma criada negra salvara, com risco da própria vida, das fauces de um crocodilo, um menino branco, Zeca ficou admirado:

—Uma criada negra?

—Sim, meu pequeno. Negra de pele, mas de alma branca, era essa rapariga. E olha que entre os pretos encontram-se muitas dedicações.

— O pai certamente sabe muitas histórias de negros. Como esteve em África...

— Algumas. E ainda conheci, pessoalmente, um dos pretos de Serpa Pinto.

— Quem eram? — perguntou o pequeno.

— Eram dez, de ambos os sexos, que nunca abandonaram o grande explorador na sua aventurosa viagem pela África Austral. Diziam que Serpa Pinto era um branco bom, severo, justo e que libertava escravos que caminhavam, em levas, para a costa...

— Escravos?— estranhou o pequeno.

— Sim, escravos. Admiras-te? Ainda em 1910, se fazia, clandestinamente, escravatura em Moçambique. Azevedo Coutinho, Massano de Amorim, Dâmaso Marques, José Augusto da Cunha, Neutel de Abreu e outros tomaram parte em várias campanhas contra os negreiros. Mas, voltemos aos pretos de Serpa Pinto. Que estava eu dizendo?

— Que eles viam o explorador libertar escravos, que caminhavam, em levas, para a costa...

— Isso mesmo. Chamavam-lhe *manjoro*, certamente corrupção de major. Um feiticeiro negro, chamado Chacaiombe, antes de Serpa Pinto partir para a sua expedição, disse que ele era o melhor dos brancos passados, presentes e futuros e que a viagem seria muito feliz. Dos pretos, Veríssimo era o mais graduado e Serpa Pinto ensinara-o, até, a trabalhar com os aparelhos. Augusto era o melhor e o mais corajoso. A mulher dele, Marcolina, também fazia parte da expedição. Mas se tu soubesses o que os negros do sertão diziam de Serpa Pinto...

— Que diziam, meu Pai?

— Admiravam-se de o explorador não vender panos, não comprar marfim, cera, nem peles. Que homem aquele que só escrevia, só escrevia... Serpa Pinto, realmente, todos os dias preenchia o seu diário e fazia observações científicas. Quem lhe trazia os instrumentos e aparelhos era outro preto, o Catraio Pequeno.

— Catraio Pequeno? Mas havia algum Catraio Grande?

— Sim, havia. Certa vez, estiveram sem comer mais de quatro dias. O explorador animava os pretos da expedição, dizendo-lhes que do lado de lá de uma montanha havia uma terra maravilhosa com muita comida. Acreditando no que lhes dizia Serpa Pinto, os pretos, trepando a serra, iam cantando: *A cobra não tem braços, não tem pernas, não tem mãos e não tem pés. Como sobe ela? Porque não subiremos nós, que temos braços, temos pernas, temos mãos e temos pés?* E quando chegaram ao lado de lá, encheram as barrigas...

— Realmente, a cantilena era engraçada...

— E com um grande fundo de moral, não te esqueças. Devemos vencer, alegremente, todas as dificuldades, como os pretos de Serpa Pinto. Quando ele descansava, os pretos porfiavam em o livrar do sol e quando ele esteve doente em Belmonte, Marcolina e Veríssimo nunca o abandonaram. Foi a preta quem o amparou ao levantar-se. E quando um selvagem qualquer, um tal Lobossi, régulo dos luínas, atacou a expedição, Manuel e Catraio Grande morreram a defender Serpa Pinto.

— Morreram em defesa do branco?

— Sim, Zeca. Não se pode dar maior prova de dedicação. Quase no fim da viagem, morreu a pobre Marcolina com um tifo. Ficaram sete. Um deles, Pepeca, foi à terra de Serpa Pinto, no Douro. Fez-se cristão e foi baptizado com o nome do grande explorador.

O pai calou-se. Pouco depois, terminou a história:

— Há, salvo erro, no Museu de Arte Contemporânea, um quadro representando os pretos de Serpa Pinto. E, assim te contei a história de dez pretos dedicadíssimos. Mas, felizmente, poderia contar-te muitas outras histórias do mesmo género...

MANUEL FERREIRA



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Segundo Acampamento Nacional do Paquistão

De 28 de Dezembro a 4 de Janeiro passado, realizou-se em Chittagong o II Acampamento Nacional do Paquistão, ao qual se associaram delegações de 11 países. Os maiores contingentes foram enviados pela Índia, Ceilão, Malaia, Japão, Irão e Alemanha.

A Associação dos Escoteiros Húngaros no exílio foi representada pelo Prof. Jaros Horvath. No desfile de abertura ele marchou sòzinho seguindo o estandarte húngaro transportado por um escoteiro do Paquistão, tendo recebido uma grande ovação como único representante dos escoteiros exilados da Europa Oriental.

O Acampamento foi aberto pelo Presidente do Paquistão, General Muhannad Ayud Khan, que prometeu o seu apoio aos escoteiros exilados.

DE OEIRAS

GRUPO N.º 12

PARA ONDE VAI O ESCOTISMO...

O título é bastante atraente para nos chamar a atenção.

Ao ler este título nos dois últimos números do «Sempre Pronto», vejo quanto se interessa este bom jornal escotista pela fraca chama do escotismo que entre nós tremula.

Bom será que o nosso ideal não perigue mais neste estado doentio em que vem estrebuchando ùltimamente.

Porque não darmos todos as mãos, formando o círculo da boa vontade, mantendo no Centro a nossa lei e pondo-a em prática, fazendo o melhor possível?

Tudo isto será bom e não desiludamos os mais novos e os simples, porque serão esses os futuros homens do escotismo nacional.

PASSEIO

No passado dia 22 de Fevereiro, este Grupo realizou uma visita ao Jardim Zoológico, tendo regressado à sua sede a pé.

Ao sair do Jardim, o Grupo dividiu-se em duas patrulhas, traçando a primeira uma pista através da Serra de Monsanto até à Outurela, sendo seguida pela outra patrulha sinal por sinal.

No seu itinerário, o Grupo visitou diversas agremiações de recreio, onde deixou como recordação, galhardetes da Fundição de Oeiras, onde está anexo.

O resultado deste belo passeio está patente na alegria que todos os rapazes mostram ao recordar a actividade. — *C.*

ACÇÃO CRISTÃ

NA ERA ATÓMICA

PELO REV. GALAL J. KERNAHAN

Faz doze anos, um avião deixou cair um objecto sobre a cidade japonesa de Hiroshima. A bomba rebentou com esplendor mais brilhante que o do Sol. Pereceram milhares de pessoas. A cidade foi arrancada como por força de um terramoto gigantesco.

Tal foi a primeira experiência da guerra atómica. Agora sabemos que como resultado daquela explosão morreram cem mil pessoas.

Actualmente, no centro de Hiroshima, um monumento assinala o ponto da destruição total. Toda a gente pode ler nele estas palavras dedicadas às vítimas: *Descansai em paz. Jamais se repetirá este erro.*

Os cristãos de boa vontade reiteram tal dedicatória. A nós, os cristãos, essas palavras chegam-nos à alma. Mas será a nossa repetição dessa dedicatória só uma prece solitária a Deus ou será à nossa promessa de consagrar toda a influência que possuamos à realização desta esperança da humanidade?

Enquanto buscamos uma paz justa, é urgente empreender uma acção definida. Ao finalizar a segunda guerra mundial, os homens pensaram que o problema número um, criado pela descoberta das armas atómicas, era o de evitar o seu emprego noutro conflito. E essa finalidade continua a ser o nosso problema número um. No entanto, nos últimos anos descobriu-se outro perigo cuja ameaça é sumamente grave: o da queda de materiais radioactivos residuais da explosão atómica.

A explosão atómica lança ao espaço milhares de toneladas de matéria da qual está formada a nuvem atómica. Os ventos distribuem essa finíssima matéria ao redor do mundo. Durante meses e anos esses restos continuam chegando à terra. E trazem consigo um novo perigo para a vida humana.

Tais resíduos são radioactivos, quer dizer, emitem imanações que podem alterar as células vivas de que estão compostos os nossos corpos. Os homens de ciência descobriram que estas imanações são semelhantes aos raios que já existem na natureza; alguns deles, como por exemplo os raios X, já se usam no tratamento de enfermidades. Mas quase todos são perigosos e a ameaça para a saúde da humanidade que significam, aumenta na proporção da sua potência.

Com cada bomba atómica que explode, mais desses materiais perigosos são enviados à atmosfera. Quer dizer, que por meio de cada explosão atómica aumenta a radioactividade que põe em perigo a saúde de toda a família humana. Não há diferença entre as bombas de prova ou as bombas de guerra. O problema desta ameaça é o mesmo.

Como funcionam os venenos radioactivos? O estudo dos seus efeitos está ainda incompleto. Falta muita experiência e observação científica. Conhecemos os seus maus resultados em muitos casos e suspeitamos dos seus resultados em muitos mais casos ainda.

Um resultado maligno, que não é uma mera suspeita, senão uma realidade comprovada, é o novo elemento: estrôncio-90. Depois da explosão, cai sobre a terra estrôncio-90, depositando-se sobre a erva. Através da erva passa ao leite das vacas, que a comem. Através do leite, entra nos ossos dos que o bebem ou comem a manteiga e o queijo feitos com o mesmo leite.

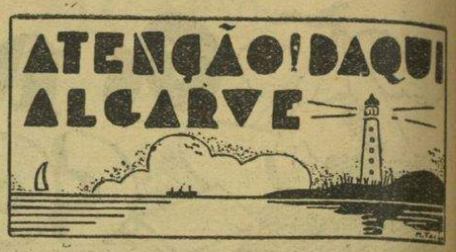
Antes da descoberta da bomba atómica, nem uma só pessoa em todo o mundo tinha vestígios de estrôncio-90 nos ossos. Hoje em dia, não há homem, mulher ou criança que o não tenha em quantidade suficiente para poder ser descoberta a sua presença. Muitos homens de ciência afirmam que a quantidade de estrôncio-90 nos ossos humanos é ainda demasiado reduzida para constituir um perigo para a saúde. No entanto, os mesmos cientistas aceitam que com cada nova explosão atómica produzimos um pouco mais desse veneno.

Estamos inegàvelmente frente a decisões de enorme importância. Não podemos lavar as mãos e dizer que é uma questão científica, que escapa ao nosso conhecimento e capacidade para resolvê-la.

Com cada nova explosão atómica todos recebemos um pouco mais de material radioactivo. A maior parte dos riscos que ele comporta para a nossa saúde e para a de toda a família humana, é desconhecida. Os homens de ciência carecem ainda dos dados que sòmente a experiência e o curso dos anos podem dar-lhes. Eu creio que não há governo algum que tenha direito de experimentar às cegas com o futuro da raça humana. Os militaristas da Rússia, Estados Unidos e Inglaterra já sabem que possuem armas atómicas que poderiam terminar com toda a vida terrestre. Que mais querem?

São dois, pois, os problemas que nos confrontam. Devemos, como cristãos, fazer todos os esforços possíveis para lograr os acordos internacionais que possam garantir a paz mundial. E também devemos convencer os governos que possuem armas atómicas da necessidade de pôr fim imediatamente a todas as explosões de ensaio.

(Transcrito, com a devida vénia, de «El Predicador Evangélico»



Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Comemoração do 1.º de Dezembro

Festejando a histórica data, o Grupo desfilou de manhã por algumas ruas da Vila, após o que tomou parte na cerimónia da inauguração da Escola Técnica local. À noite, realizou-se uma reunião geral na sede, em que foi enaltecido o significado do glorioso dia.

Festa de passagem do Ano

Na noite de 31 de Dezembro, realizou-se a tradicional festa de passagem do ano, juntando-se antigos e actuais escoteiros e pessoas de família.

Foram entregues estrelas de antiguidade a quase todos os escoteiros do efectivo. Os subguias Alfredo Guerreiro e Alexandre Fernandes Azul e o escoteiro Manuel Joaquim Gomes Neto receberam distintivos de 2.ª classe e os guias Manuel António Lopes Duarte e João do Brito Baptista receberam distintivos de 1.ª classe, por terem completado com êxito as suas provas.

A Patrulha «Poupa» recebeu provisòriamente, como vencedora do último trimestre, o «Troféu do Jamboree», do Concurso com o mesmo nome, realizando-se depois a cerimónia do Compromisso de Honra do aspirante João Paulo Fernandes Azul, que ingressou naquela Patrulha.

A reunião, que findou com um chá, decorreu em ambiente de amizade e camaradagem.

O filme sobre a vida de Baden-Powell será realizado por Wilcoxon

O falecimento imprevisto do notável realizador cinematográfico Cecil B. de Mille, que projectara realizar um filme sobre a vida de B.-P. e a história dos escoteiros, causou muita tristeza nos meios escoteiros internacionais, levando a dúvida acerca da execução do projecto.

Contudo, os preparativos para o filme — em que Cecil B. de Mille punha o maior interesse — estavam já muito adiantados, pelo que não deixará de ser executado, tendo sido confiada a sua realização a Henry Wilcoxon, principal colaborador de De Mille na sua brilhante vida cinematográfica.

De Mille tinha declarado que o filme se intitularia «On My Honor» e seria produzido de cooperação com a «Paramount Pictures Corporation» e com a «Motion Pictures Associates», devendo começar a rodar em Janeiro de 1960.

NA ROCHA DO CONSELHO

SINAIS DE PISTA

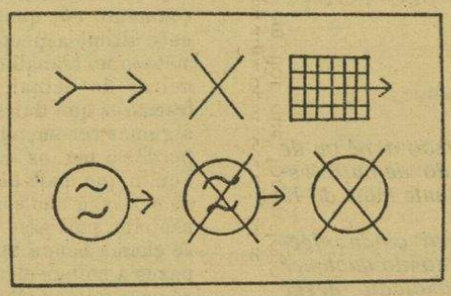
Como sabes, a Selva é muito traiçoeira e é muito perigoso percorrer os seus caminhos, atalhos e veredas, porque fàcilmente podes perder-te.

Portanto, atravessar a floresta e regressar pelo mesmo caminho consiste num grande problema, mas, como os problemas difíceis têm também resolução, este também tinha de ser resolvido.

— Isso mesmo!... Já ouviste a tua Aquelá falar na solução do problema. Exactamente!... empregam-se os sinais de pista.

Bem, vou-te fazer recordar o que a tua Aquelá te ensinou na outra reunião.

Quando marchas, colocas estes sinais no chão, para os que vêm atrás poderem saber o caminho que tomaste e se reunam contigo.



Assim, colocas o primeiro sinal (caminho a seguir), quando vais a direito; o segundo (caminho a evitar), quando há mais de uma direcção e desejas que não sigam por uma delas; o terceiro (lenha boa para queimar), se a pilha de lenha que encontraste serve para fazer uma fogueira; o quarto (água potável), quando indicares um poço ou uma nascente de água boa para beber; o quinto, (água imprópria para beber) e o último (fim de pista), é empregado quando findares a pista.

E, agora,

Boa Caça

J. E.

SENTIDO

POR BADEN-POWEL

À voz de «sentido», o lobito apruma-se como um soldado de calcanhares unidos, braços pendentes dos dois lados do corpo, peito bem saliente, cabeça levantada, olhar em frente — e só em frente.

À voz de «descansar» fica com os pés afastados, mãos cruzadas atrás das costas e pode olhar para onde quiser.

«MAUGLI» — O MENINO LOBO

III

TIGRE, TIGRE

Maugli deixou a caverna do lobo depois da luta com a Alcateia na Rocha do Conselho, como os meus amiguinhos certamente ainda se devem lembrar.

A história que hoje lhes vou contar começa portanto na aldeia onde viviam os homens. Maugli admirou-se muito quando notou que todos os habitantes se precaviam contra os animais da Jangal.

Mal o menino se tinha sentado, apareceu o primeiro homem, e ele pediu-lhe de comer. Mas o homem sumiu-se para voltar acompanhado pela multidão. Passado o espanto, Messua julgou reconhecer naquele menino o seu filho arrebatado pelo tigre.

Autorizado pelo sacerdote, a boa mulher conduziu Maugli para a sua caverna e matou-lhe a fome. Chamou-lhe então «Matlôo».

O menino não conhecia tal nome. Também desconhecia a linguagem dos homens. Mas habituado a imitar o grito dos animais selvagens depressa imitou os diversos sons.

Também não sabia dormir como os homens, saiu para fora, estirou-se na selva e adormeceu.

Mas um focinho veio farejá-lo. Era o irmão Gris, o filho mais moço da Mãe Loba.

O lobinho contou então o que se ia passando na Jangal e o desejo de vingança do tigre.

O menino não se amedrontou. Depois o lobinho despediu-se prometendo encontrá-lo num sítio combinado.

Maugli continuou entre os homens e foi-se adaptando pouco a pouco aos seus costumes. O menino não tinha ideia da sua força.

Entre os animais era fraco, mas, em comparação com os homens, achava-se forte.

Quando Messua o mandou guardar búfalos, pensando castigá-lo por desobediência, não fez mais do que proporcionar-lhe uma grande alegria.

Todos os dias avistava o Lobo Gris no ponto combinado. Mas um dia ele não apareceu.

Só mais tarde o encontrou.

Estava todo arrepiado de medo. Sabia que Xer Cane queria arrancar os búfalos a Maugli e depois o queria matar.

O menino sorriu, sem mostrar medo. Xer Cane já não estava em jejum e não havia motivos para sustos.

Aquêlà surgiu a ajudá-lo.

Maugli deu ordens para o combate.

Separou metade dos búfalos. Aquêlà tomou conta dos machos e o Lobo Gris das fêmeas. Quando tudo ficou preparado, Maugli chamou Xer Cane que se espreguiçava numa moita.

Os búfalos postos em marcha pelo grito de guerra que o lobo desferiu, lançaram-se sobre o tigre que pesado de digestão não estava disposto a lutar. Xer Cane, esmagado, soltou um último gemido.

Maugli sacando da faca, começou a tirar a pele do tigre.

Entretanto apareceu Budeo, o caçador chefe da aldeia, que ouvira o barulho da luta.

Ficou muito furioso por ver os búfalos cansados mas quando viu o tigre aleijado caído por terra alegrou-se sùbitamente.

Maugli recusou a rupia que ele lhe quis oferecer pela pele.

Furioso já, pela maldade do caçador, o menino pediu a Aquêlà que castigasse o intruso. Budeo ficou apavorado quando viu que os lobos obedeciam a voz de Maugli. Pediu ao menino que o salvasse.

Saiu cambaleando e quando chegou à aldeia contou uma história de feitiçaria que deixou o sacerdote apreensivo.

Maugli dirigiu-se à aldeia com a pele do tigre às costas. Todos o expulsaram acusando-o de feiticeiro. Os homens apedrejavam-no, as mulheres insultavam-no, as crianças sorriam. A única pessoa que o acarinhou foi Messua. O menino restituiu-lhe todos os búfalos e abandonou a aldeia.

Uma alegria imensa invadia-lhe a alma ao penetrar na selva.

Entrou na caverna da mãe loba com a pele do tigre.

A loba alegrou-se com a vingança.

(*Conclui na página 8*)

PROVAS DE 1.ª CLASSE

Prova de Exploração

PELO ENG.º JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS
Ex-Escoteiro-Chefe-Geral

I — Tema da prova

17) *Efectuar uma excursão a pé ou de barco, só ou acompanhado de outro escoteiro, a um ponto distante mais de 12 km., e voltar.*

Esta excursão poderá ainda efectuar-se a cavalo ou utilizando qualquer veículo conduzido pelo candidato, desde que o ponto de destino esteja a 60 km, pelo menos.

Pelo caminho serão recolhidos o maior número possível de observações, devendo fazer-se um relatório escrito, claro e preciso da excursão.

Deverão utilizar-se cartas topográficas da região, nomeadamente as do Estado Maior do Exército, se as houver.

O relatório deve ser acompanhado dum esboço do percurso com indicações das paragens e locais de bivaque, principais cotas e natureza do terreno, culturas e bosques, estradas, linhas férreas e cursos de água atravessados.

II — Generalidades

A realização desta prova deve ser deixada para o fim do período de preparação da 1.ª classe, pois ela é o remate de toda a actividade pròpriamente escotista para a obtenção desta classe.

O recomendar-se a sua execução no fim, não quer dizer que não possa e não devam fazer-se, antes dela, outras excursões mais pequenas, como treino.

Para a sua execução em moldes proveitosos há que ter proporcionado ao escoteiro uma conveniente soma de conhecimentos preliminares e a formação dum substrato espiritual que lhe garantam levar a bom termo tal empreendimento que, embora metòdicamente preparado em condições de não ser uma aventura irreflectida e perigosa, possa conter grande número de dificuldades e de problemas a resolver.

Na realidade, só com a resolução das dificuldades que se nos deparam, pomos à prova os nossos conhecimentos e capacidade de realização, e, só assim, vamos adquirindo a confiança em nós mesmos e sentindo-nos seguros em todas as circunstâncias. É à custa da resolução das dificuldades que se nos deparam que vamos sentindo a alegria do vencedor, nascendo daí a satisfação e o entusiasmo pela vida, donde resulta a fé e confiança no futuro — verdadeiros e fundamentais objectivos do Escotismo.

Na preparação e execução da excursão deve pôr-se, ainda, e indispensàvelmente, todo o cunho de aventura através do desconhecido e inesperado, pois é esse um aspecto que tanto entusiasma os rapazes em geral e é uma das principais atracções que eles pressentem e apreciam ao vir para as fileiras escotistas. A aventura, o procurar desvendar o desconhecido, sempre entusiasmou o homem em todas as idades e fases do seu crescimento e é só com entusiasmo que se consegue levar a cabo as grandes obras e trabalhos, neles se incluindo o próprio aperfeiçoamento do ser humano, que é, afinal, o supremo e primordial objectivo da actividade escotista.

Dos conhecimentos que é necessário adquirir e desenvolver alguns deles são objecto da preparação para as classes anteriores: saber armar a tenda de campo ou saber aproveitar os produtos naturais para construir um abrigo de emergência, aproveitar os recursos naturais para fazer lume e cozinhar os próprios alimentos, conhecer certas regras de higiene e de defesa sanitária a usar no campo, saber utilizar o machado e a faca de mato, as cordas, varas e toda essa série de coisas que permitirão ao escoteiro desenvencilhar-se das dificuldades que surjam no campo sem que perigue a sua integridade física e saúde. Complementarmente, vem a necessidade de saber bem utilizar as cartas topográficas, orientar-se pelos vários processos e seguir percursos difíceis com ou sem auxílio de carta e instrumentos de modo a criar ou desenvolver o sentido da orientação, sem o qual a excursão seria um fracasso.

Os conhecimentos e qualidades anteriormente enunciadas, em resumo, não passam dos indispensáveis elementos bases para levar a bom termo a parte, digamos, material da excursão, mas, ao realizá-la, há que conseguir obter outros resultados que não são os de uma simples caminhada onde sòmente se pretende chegar ao fim do itinerário. Além da prática e aperfeiçoamento de todos os conhecimentos e qualidades que resultam da execução da excursão, através do que atrás se indicou, interessa desenvolver as qualidades de observação, de estudo de certos assuntos dos vários ramos das ciências naturais, aperfeiçoando o sentido de ordenação e colheita de elementos de modo a que possam servir de aperfeiçoamento das qualidades de bom método de trabalho. Sobre este último aspecto, nunca será demais frisar que a falta de método no trabalho, a desorganização das nossas vidas e maneiras de actuar, são a maior parte das vezes as causas de fracassos que daí advêm. No decorrer da descrição fazem-se algumas recomendações, um pouco fora da técnica da prova; perdõem-me os chefes e escoteiros, mas não esqueçam que aquilo que mais nos deve interessar é o *espírito* como se fazem as coisas, e não sòmente fazê-las, muito bem, *tècnicamente*, sem espírito, pois esse trabalho é próprio das máquinas. Por isso se chama bem a atenção para a necessidade de treinar os rapazes a colher elementos de estudo e a coleccioná-los; poderão ser feitas colheitas de folhas, flores ou outros elementos da flora local para estudo da botânica ou da agricultura; idênticos elementos em relação a animais, pedras, rochas ou minerais; selos, fotografias ou outros elementos de história, geografia, folclore, etc.

III — Escolha do itinerário, local do bivaque e preparativos de partida

O itinerário deve ser tanto quanto possível desconhecido e com um mínimo de estradas ou caminhos principais, pois o percurso por caminhos secundários e a corta-mato proporcionará mais oportunidades para pôr à prova os conhecimentos e qualidades do escoteiro.

As linhas gerais do itinerário deverão ser escolhidas pelo chefe do grupo que marcará os pontos de passagem obrigatórios, deixando ao escoteiro o estudo dos percursos de ligação entre esses pontos na carta da região, antes de iniciada a execução; as decisões de pormenor sobre o caminho a seguir terão de ser tomadas muitas vezes no próprio local, pois as cartas não contêm, normalmente, indicações tão pormenorizadas que permitam fazer um estudo prévio total.

A escolha do local para bivacar deve ser deixada à inteira decisão do escoteiro, que deverá escolhe-lo tendo em atenção os seguintes principais pontos:

— Parque de campismo ou local normalmente usado para esse fim se o houver;

— Não havendo local próprio para acampar, escolhê-lo e pedir a necessária autorização aos proprietários do terreno;

— O local a escolher deverá satisfazer aos requisitos normais: ser abrigado dos ventos, protegido com sombras de arvoredo se a excursão for feita em época calmosa, ter água nas proximidades, ter possibilidade de abastecimento de lenha e haver autorização para se acender lume.

Como preparativos de partida deverá recomendar-se:

— Ir-se bem equipado: com vestuário próprio para todos os estados de tempo (bons sapatos para marcha e que protejam os pés da humidade — boa gabardine ou impermeável para defesa contra a chuva, mesmo que seja no bom tempo); levar o material de cozinha e campo necessário, mas não supérfluo (barraca para um ou dois, manta e impermeável para o chão, boa faca de mato ou machadinha e canivete, espias, marmita individual para cozinhar as suas refeições ou qualquer outro material que improvisadamente tal permita, cantil e toda a série de pequenas coisas individuais de higiene e outros que são necessários); levar uma pequena farmácia portátil para primeiros socorros e desinfecção da água; munir-se de cartas topográficas da região a percorrer e, sempre que possível, duma bússola; levar um caderno para o relatório da excursão, *nada de folhas soltas*.

— Adquirir-se com tempo certos conhecimentos para levar a bom termo a excursão, sob os seus diversos aspectos: quais os tipos de cartas topográficas do país; conhecimentos sobre a leitura e interpretação dos sinais e indicações nelas inscritas e sua correcta utilização; certos conhecimentos, ainda que não muito profundos sobre botânica, zoologia e mineralogia, para que os elementos naturais colhidos durante a excursão possam ser seleccionados com certo critério e conhecimento descernidor do seu interesse para um estudo mais profundo posterior se o escoteiro tiver gosto por tais assuntos; prática de fazer *croquis* de itinerários seguidos, esboços e desenhos de paisagens ou outros motivos que mereçam ficar registados — tudo que se desenha fica melhor conhecido pois que o desenho nos obriga a fixar pormenores do objecto que, doutro modo, nos passariam despercebidos — o desenhar é uma das melhores práticas que o escoteiro pode e deve adquirir.

(Continua na página seguinte)

Prova de Exploração

(Continuação da página anterior)

IV — Novos e principais conhecimentos a adquirir

1 — Cartografia em geral

a) Escalas

As cartas topográficas ou mapas, são desenhos onde se representam os acidentes topográficos (os percursos de estradas, caminhos e rios, a localização de casas ou zonas edificadas, as pontes, os relevos do terreno, o recorte das costas junto à orla marítima, etc.).

Claro que nessas cartas ou mapas as distâncias entre as coisas ou as suas dimensões são muito mais pequenas que na realidade para que os desenhos possam ser mais fàcilmente manuseáveis; essa diminuição é feita de modo a manter as proporções relativas de todas as coisas, para que olhando para o desenho tenhamos uma representação correctamente proporcionada da extensão do terreno que se representa.

A proporção de redução existente entre a verdadeira grandeza das coisas no terreno e a sua representação no desenho, chama-se **escala** da carta ou do mapa.

Para, a partir duma carta, sabermos a verdadeira grandeza das coisas ou das distâncias que as separam, temos de conhecer a escala em que foi feito o desenho; por isso todas as cartas trazem essa indicação, que pode vir expressa de dois modos diferentes.

Sob a forma numérica da relação ou cociente de dois números:

	1:2	1:10	1:100	1:1000	1:25.000	etc.
ou	1/2	1/10	1/100	1/1000	1/25.000	

Chamam-se, então, **escalas numéricas.**

Neste caso a relação dos números indica nos quanto foi necessário diminuir a verdadeira grandeza das dimensões ou distâncias. Por exemplo: se tivermos uma escala de $^1/_2$ sabemos que as dimensões reais foram reduzidas a metade, ao serem desenhadas; se a escala for $^1/_{50.000}$ terá havido uma redução de 50.000 vezes as distâncias no terreno, donde termos que, numa carta a essa escala, a distância entre duas povoações afastadas 20 km, medirá, na carta, $^{20}/_{50.000} = 0{,}0004$ km = $= 0{,}4^m = 40$ cm.

Tomando o mesmo exemplo anterior, verifica-se que, se os 40 cm representam 20 km do terreno, cada km será representado por $^{40}/_{20} = 2$ cm; quer dizer que, numa carta à escala $^1/_{50.000}$ um km é representado por 2 cm; se tivéssemos uma carta à escala de $^1/_{25.000}$, teríamos, então, 1 km representado por 4 cm na carta, e, para uma carta à escala de $^1/_{20.000}$, seria 1 km representado por 5 cm na carta.

Deste modo de interpretar a representação numérica das escalas nasce a possibilidade doutra maneira de as exprimir — chamam-se então **escalas gráficas** pois que permitem a representação desenhada ou gráfica da escala. Para a sua representação marcam-se, num segmento de recta, os comprimentos que correspondem a certos comprimentos reais (fig. A).

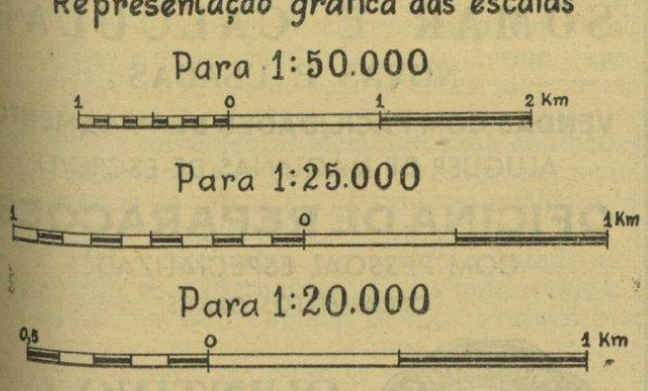


FIG. A

Consultando várias cartas e mapas, poderão ser encontrados outros exemplos.

É da máxima vantagem que se pratique muito na determinação de distâncias a partir de medidas tiradas de cartas ou, também, ver a medida que corresponde na carta, conhecidas as distâncias no terreno.

Exemplos:

22,500 km	numa	carta	à	escala	1:25.000	são	representados	por	.....
45,2 km	»	»	»	»	1:50.000	»	»	»	.....
300 m	»	»	»	»	1:20.000	»	»	»	.....
4,25 cm	duma	»	»	»	1:100.000	representam	no	terreno	...
0,395 m	»	»	»	»	1:20.000	»	»	»	.....
89 cm	»	»	»	»	1:25.000	»	»	»	.....
6,72 cm	»	»	»	»	1:50.000	»	»	»	(1)..

b) Planimetria e altimetria

Dissemos atrás que, nos mapas, poderíamos representar a configuração dos acidentes do terreno, dando com isso uma ideia de grandeza e extensão do terreno e da distância entre o que sobre ele existe — é o que se chama **planimetria**; se representarmos a posição desses pontos e sua localização em altura, marcando, assim, desníveis de uns em relação aos outros — é o que se chama **altimetria.**

Na primeira, desenham-se os acidentes do terreno como se os víssemos de uma grande altitude, para que tudo nos pareça plano; na segunda marcam-se nas cartas, indicações sobre o relevo do terreno, permitindo distinguir os vales dos montes e os locais escarpados das planícies.

c) Sinais topográficos

Quando a redução para o desenho é grande, não há possibilidade de representar todos os pormenores ou particularidades e mesmo parte daquilo que se representa não o pode ser mantendo a escala do conjunto; daí resulta a necessidade de se arranjarem certos sinais e desenhos esquemáticos para: pontes, túneis, estradas, caminhos de ferro, caminhos, casas, edifícios, igrejas, árvores, certas culturas, pontos trigonométricos, ruínas de edifícios, rios, linhas de água, etc.; esses sinais são chamados **sinais convencionais topográficos**, os quais são, em muitos casos, desenhados em dimensões maiores do que as que lhes corresponderiam pela respectiva escala (observar os de várias cartas que se tenha à disposição).

Para se saber lidar com uma carta ou mapa é indispensável conhecer e saber o significado dos sinais, tal qual como para ler é necessário saber o abecedário e ligar as letras para formar os sons. É por isso que se deve, logo de começo da vida escotista, ir iniciando os rapazes na leitura e utilização de cartas topográficas.

d) Indicações altimétricas das cartas

No aspecto da representação altimétrica há vários modos de a fazer:

— por meio de pontos cotados;
— curvas de nível;
— linhas de maior declive;
— cores.

São os mais comunmente usados.

Sobre os dois últimos processos não nos deteremos, pois que nas cartas que usaremos são empregados os dois primeiros.

Nos pontos cotados, marcam-se nos desenhos os pequenos pontos de que se sabem as cotas, colocando-se ao lado do ponto (.) o valor numérico que traduz essa cota.

A cota de um ponto é a distância desse ponto ao nível

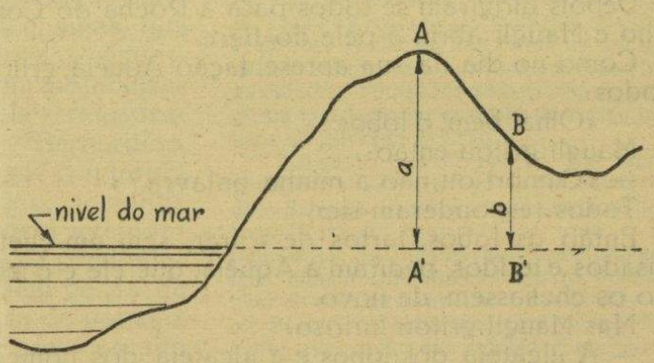


FIG. B

(Continua no próximo número)

(1) **Respostas:** 90 cm, 90,4 cm, 1,5 cm, 4,250 km, 7,900 km, 22,250 km, 3,350 km.

ACTIVIDADES DAS PATRULHAS

—O Escoteiro está sempre alegre e bem disposto

Reza assim o 7.º (1) artigo da Lei do Escoteiro. Parece à primeira vista que é coisa fácil exigir a um rapaz em plena juventude que viva sempre alegre e com boa disposição. E assim é, de facto, pois a vida movimentada e de jogo constante que o Movimento nos proporciona são factores primordiais de alegria e satisfação.

Porém, apesar de tudo isto é bem difícil encontrar entre nós patrulhas com escoteiros cumprindo o 7.º artigo. Raras são as que cultivam dentro de si o humorismo educado tão apreciado nos Escoteiros.

E é precisamente aqui que queríamos chegar!

Desejávamos que todos os Guias se detivessem um pouco nestas linhas, perdoassem a sua forma, mas compreendessem em toda a extensão o conteúdo, e pudessem sentir-se transportados até alcançarem o desejo espiritual que nos anima.

Um dos aspectos mais atraentes do Movimento é, decerto, a sua exuberância contagiante, a alegria comunicativa que de si irradia qualquer concentração escotista. Um dos actos mais tocantes de fraternidade, altamente apreciados por quantos nos observam, é a realização solene de um *Fogo de Conselho*. É ali que, em alegre disputa, os grupos ou as patrulhas exteriorizam a alegria, arte e força de vontade que reinam dentro de si, apresentando o seu reportório de canções, interpretações musicais, pantominas, diálogos, anedotas, representações, etc.

Porém, notamos há tempo, não sem bastante tristeza, ser esta uma das actividades mais abandonadas pelas patrulhas. É deveras lamentável que se assistam a reuniões dos nossos escoteiros ouvindo quase sempre as mesmas velhas e já gastas canções, entoadas pelos *antigos* que, recordando belos tempos, empregam a sua boa vontade para que tais concentrações não sejam actividades mortas e sem atractivos.

Existem, felizmente, excepções, que por raras, mais vêm acentuar a pobreza de folclore do nosso Movimento. Há bem pouco tempo, assistimos a uma actividade onde estavam algumas dezenas de antigos e actuais escoteiros, e o despique em animar o Fogo de Conselho foi travado apenas entre dois dos 12 grupos presentes (!).

— Crê, meu caro Guia, que o melhor *cartão de visita* que pode apresentar a tua patrulha é a apresentação de alguns números interessantes e bem preparados para colaboração num Fogo de Conselho ou para oferecer às gentes da localidade onde estiveres acampado.

Quando falamos neste sentido a alguns guias de patrulha é frequente ouvirmos frases como esta: «Nós não temos jeito. Não temos quem nos prepare».

Não concordamos com tal afirmação, que se apresenta pouco escoteira. Por isso a contrariamos com a certeza de que todos os escoteiros têm *jeito* e, para *preparar* a patrulha, não é preciso mais do que o Guia. A ele compete escolher os números que achar mais de acordo com a feição dos seus escoteiros, ensaiando-os com tempo e adaptando-os ao espírito reinante dentro da patrulha.

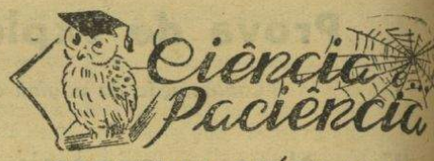
Não se pretende criar artistas entre os escoteiros, mas que, dentro da nossa simplicidade, cada patrulha saiba dar a sua quota parte da animação que deve reinar nas festas escoteiras.

Desejamos sobretudo que, quando um contingente português se desloque ao estrangeiro, os seus componentes saibam não só demonstrar os seus conhecimentos técnicos, mas sejam, também, autênticos enviados do folclore nacional, fazendo assim propaganda das danças e cantares do nosso querido Portugal, tão apreciados já no estrangeiro.

— Mãos à obra, pois, meu caro guia, e verás que, dentro em pouco, a tua patrulha brilhará na animação dos nossos Fogos de Conselho.

FALCÃO

(1) Fórmula antiga da lei.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 3

Um problema invulgar

Toma-se um número de seis algarismos cujo primeiro algarismo à esquerda é 1. Tira-se este algarismo para o transporta para a direita do número sem mudar nenhum dos outros algarismos. O novo número assim obtido é o triplo do número primitivo. Qual era o número primitivo?

A solução deve ser enviada a esta Redacção, mesmo num simples postal, indicando a forma como foi obtida.

Solução do Problema n.º 2

Nos dois casos havia uma rede. A diferença de preço é então a que corresponde às raquetas e às bolas ou seja: 300$ + 204$ = 504$00. Se subtrairmos o preço das duas raquetas suprimidas, resta 504$ - 240$ = 264$00 correspondente a 12 bolas. Cada bola valerá pois 264$: 12 = 22$00.

Acertaram na solução e marcaram os 5 pontos os nossos estimados leitores:

José Manuel de Jesus Fernandes — Vila Real de Santo António.

João Margarido C. P. dos Reis — Gaia

António Amêndoa — Lisboa.

José Alberto Figueira — Faro.

António Norberto de S. Cunha—Faro

* * *

Foram já remetidos a todos os Concorrentes do Concurso "Problema Difícil" de 1958 os prémios merecidamente conquistados.

«MAUGLI» — O MENINO LOBO

(Conclusão da página 5)

Depois dirigiram-se todos para a Rocha do Conselho e Maugli abriu a pele do tigre.

Como no dia da sua apresentação Aquêlà, gritou a todos:

— «Olhai bem, ó lobos!».

Maugli gritou então:

— «Cumpri ou não a minha palavra?»

Todos responderam sim.

Então os lobos, fartos de sofrer, sem um chefe, cansados e feridos, pediram a Aquêlà, que ele e o menino os chefiassem de novo.

Mas Maugli gritou furioso:

— A alcateia dos lobos e a alcateia dos homens expulsaram-me. Doravante caçarei sòzinho na Jangal.

Mas os quatro lobinhos da Mãe Loba prometeram segui-lo sempre.

E foi assim que Maugli passou a viver solitário apenas em companhia dos quatro lobinhos.

(Capítulo do livro «A Selva», de Kipling, condensado por Mariana Saragoça).

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA